



**O TEMPO MORDEU O PRÓPRIO RABO: RUÍNAS VIRAIS DE UMA
MICROBIO-ANTROPOLOGIA**

The time bit its own tail: viral ruins of a microbio-anthropology

Vitor Chiodi

Doutorando em Ciências Sociais – IFCH/UNICAMP.

Email: yama.chiodi@gmail.com

Áltera, João Pessoa, v. 1, n. 10, p. 399-409, jan./jun. 2020

ISSN 2447-9837

RESUMO:

O presente texto é composto por trechos selecionados de uma entrada no meu diário de pesquisa. Os trechos foram retirados de um período de quatro dias, onde refletia sobre o duplo efeito da pandemia nas minhas práticas enquanto pesquisador. Por um lado, ainda estava lidando com os problemas pessoais de ter perdido a moradia gratuita na universidade, durante estágio de doutorado sanduíche nos Estados Unidos. Por outro, tentava conectar essa mudança abrupta, e a impossibilidade de voltar ao Brasil, com o impacto da pandemia nos conceitos e temas da pesquisa. Trabalhando com encontros entre antropologia e microbiologia e tendo como tema ruínas e fim mundo, fui obrigado a absorver o impacto de lidar com os vírus e com a pandemia na pesquisa. Os vírus desestabilizaram a noção de vida e a coerência de trabalhar apenas com decompositores para falar de solo. A pandemia, por sua vez, desestabilizou uma noção de fim de mundo que estava muito calcada na produção de ruínas pela aceleração do capitalismo.

PALAVRAS-CHAVE:

Covid 19. Contaminação. Pandemia.
Ruína. Antropoceno.

ABSTRACT:

The following text is composed by selected excerpts from an entry in my research journal. The excerpts were part of an unfinished text written throughout four days, in which I was thinking about the two-way in which the virus and the pandemic affected my research practices. On the one hand, I was still facing the problems of losing the place I was living in the university, as a visiting scholar in the United States. On the other hand, I was trying to make sense out of this abrupt change in which it was not possible to come back to Brazil, connecting it with the way the pandemics impacted on the concepts and themes of my research. Working together with anthropology and microbiology on the end of the world and ruins, I was forced to deal with the impact of the virus itself and the pandemic in my research. The virus weakened the concept of life and the coherent picture I was painting around fungi and bacteria regarding the recuperation of soils. The pandemic, on its turn, weakened the idea of the end of world, which was very based on the ruins produced by the acceleration of today's capitalism.

KEYWORDS:

Covid 19. Pandemic. Contamination.
Ruins. Anthropocene



As coisas sombrias do mundo ignorado tornam-se vizinhas do homem, ou porque haja verdadeira comunicação, ou porque as distâncias do abismo tenham crescimento visionário; parece que as criaturas invisíveis do espaço vêm contemplar-nos curiosas a respeito da criatura da terra; uma criação fantasma sobe ou desce para nós, no meio de um crepúsculo; ante a nossa contemplação espectral, uma vida que não é a nossa agrega-se e dissolve-se, composta de nós mesmos e de um elemento estranho (...).

Victor Hugo em “Os Trabalhadores do Mar”
(tradução de Machado de Assis).

Diário de pesquisa, 24 -28 de março de 2020.

O dia era 10 de março, uma terça-feira relativamente comum, exceto talvez pelo fato de que no dia anterior o governador do estado de Ohio havia declarado estado de emergência e que me levantei muito cedo. A essa altura do ano, às seis da manhã ainda não amanheceu em Oxford, Ohio. Provavelmente teria de esperar até depois das oito para ver uma luz tímida e um sol tão mais tímido que eu só sabia existir por fé nas ciências. Levantei cedo porque estava atarefado: havia alguns artigos a ler para a aula do fim da tarde, mas também porque preparava a primeira de uma série de eventos que faria na Miami University, parte do estágio de doutorado sanduíche que estou fazendo. Estou? Às vezes é difícil ter certeza. O primeiro evento seria uma palestra, na sexta-feira treze (uma dentre tantas ironias), seguida de uma visita de campo no sábado. Eventos que vocês podem ver no cartaz em algum lugar desse texto, todos organizados e financiados pelo *Western Center for Social Impact and Innovation*. Mas nenhuma dessas coisas acabou acontecendo e, se eu soubesse, provavelmente teria acordado mais tarde e bebido menos do que quase meio litro de café antes do sol nascer.

*

O tempo mordeu o próprio rabo. Svetlana Alexijevich, em uma das várias descrições geniais para a vida após o acidente na usina de Tchernóbil. E essa frase talvez seja a que melhor representa meu ponto de partida agora. Não por comparação entre a crise do covid-19 e o acidente nuclear de Tchernóbil, mas pela forma como a



tragédia afeta o tempo. O que acontece quando uma tese sobre o fim do mundo tem o rabo mordido pela pandemia?

*

Meu trabalho é em terreno instável, buscando zonas de influência mútua entre antropologia e microbiologia. Encontrei na micologia e nos fungos excelentes companhias para explorar esses encontros. Até encontrar e ler Deboleena Roy e ter a pesquisa também impactada pelas bactérias e suas escritas. Com o que a autora batiza de “*biophilosophies of becoming*” a pesquisa mudou, como todo corpo infectado. Então decidi que precisava fechar algumas portas para esses encontros – afinal, as relações raramente se encerram antes de as pesquisas terminarem. Apreendi com os fungos uma metodologia para encarar o fim do mundo e com as bactérias os meios de aprender com as escritas microbiais. De pano de fundo, certa coerência: seres vivos que são pontes entre a vida e a morte nos solos, que apodrecem mundos para que outros possam surgir. Fazendo-parente (*making-kin* no original, por Donna Haraway (2016)) com eles encontrei um abraço entre mudanças climáticas e uma microbio-antropologia. Ou uma micróbio-antropologia? Mesmo escrevendo agora não estou certo.

*

Ao fim da tarde, quando cheguei à aula sobre a Origem da Vida ministrada por meu orientador, Dr. Nikolas Money, a sala estava agitada. Um único antropólogo entre doutorandos de diferentes áreas de estudo da microbiologia, não era incomum que algumas inquietações de meus colegas me fossem incompreensíveis, mas não era o caso. A razão era o primeiro de muitos e-mails imprevisíveis enviados pelo presidente (como eles chamam o reitor) nas caixas de entrada de alunos e professores, que nos informava, ali, que as aulas seriam suspensas e ministradas online até o dia oito de abril. A palestra da sexta ainda não havia sido suspensa e tinha tema e apresentação já preparados: refugiados multiespécies e o fim do mundo. No sábado, a visita de campo seria a primeira das várias que pretendia a Fernalt, sítio nuclear que abrigou por muito tempo uma zona de exploração de material radioativo para a cons-



trução de bombas atômicas, durante a guerra fria. No meio de uma zona rural no frio e escuro interior de Ohio.

*

YOUR END OF THE WORLD SURVIVAL GUIDE
by Yama Chiodi, Western Center Visiting Scholar

The End of the World
3/13 12PM-1PM
Western Center (PBD 022)
Approach the end of the world with an ethic of care, not despair. Lunch included!

Fernald Nuclear Site Trip
3/14 9AM-1PM
Depart from Peabody (SIGN UP)
Learn about the place that was once a nuclear weapon plant in Ohio and how to deal with mining destruction.

OTR Mural Tour
with Dr. Jacque Daugherty
4/4 9AM-4PM
Depart from Peabody (SIGN UP)
Tour Cincinnati's rich artistic contributions through commissioned and guerrilla murals.

Earth Writing Workshop
5/1 11PM-2PM
Western Center (PBD 022)
Come learn how to (and why) make zines and think about the future of life on Earth

Mushroom Walk
with Dr. Nik Money
4/20 4PM-6PM
Depart from Western Center
Hike the woods and learn the important roles mushrooms play in our campus ecosystem.

Radial Paths
4/24 1PM-2PM
Kumler Chapel
Performance on how mushrooms (and feminist theory) can teach us innovative ways of making science and knowledge

Entagled Narratives Talk
4/29 12PM-1PM
Western Center (PBD 022)
Investigate the poetry of Carlos Drummond de Andrade and the case of mining in contemporary Brazil over a free lunch!

SCAN THE INSTA NAMECARD TO SIGN UP!
Link in bio

*

Nos meus últimos seis dias em Oxford foram oito e-mails escritos diretamente pelo presidente, sempre informando decisões de grande impacto na comunidade universitária. Depois de suspender as atividades presenciais para o restante do semestre letivo, mas mantê-las online, veio a decisão de fechar o campus e deixar por lá apenas os funcionários considerados essenciais. Laboratórios, dormitórios e gabi-

netes fechados. Como parte do arranjo para a minha chegada como pesquisador visitante, eu morava gratuitamente no campus, algo que foi fundamental para a viabilidade da minha vinda. Soube da decisão do presidente da Miami University de fechar o campus no dia dezesseis de março, uma segunda-feira, menos de uma semana após o primeiro e-mail. Sem outras opções viáveis, em apenas seis dias fui de palestrante que fala sobre refugiados multiespécies para uma espécie de refugiado eu mesmo.

*

A velocidade com que tudo muda durante a pandemia afeta drasticamente a nossa capacidade de tomar decisões informadas. Minha microbio-antropologia mal conseguiu fechar algumas portas. Para cada porta que eu levantei para diminuir o crescente e potente fluxo entre antropologia e microbiologia, os vírus entraram em cena, derrubando as portas uma a uma. O impacto da entrada dos vírus foi paralisante. De modo surpreendente, eles não chegaram meramente como mais um micróbio de interesse antropológico, mas como existências capazes de amarrar meu namoro com a microbiologia e o tema do fim de mundo e jogar tudo no chão. Vírus sequer são seres vivos, nos dizem as ciências biológicas. Já não cabia a coerência romântica que encontrei nos decompositores. Só os vírus foram capazes de me tornar objeto da pesquisa de modo indubitável. A confusão entre sujeito e objeto da pesquisa nunca foi tão palpável para mim. O que era princípio teórico na busca por ontologias e metodologias alternativas, virou experiência. Às vezes encontramos outras ontologias quando buscamos outros devires com o devido cuidado, mas outras vezes é uma outra ontologia que encontra a gente. Talvez fosse sobre isso que Alexijevich falava sobre o tempo morder o próprio rabo.

*

Por várias razões, financeiras, sanitárias e logísticas, voltar ao Brasil não era uma opção e continua não sendo. Sem condições de pagar por moradia e todos os custos de vida eu mesmo num país estrangeiro muito caro de se viver, fui obrigado a partir. Partir para onde? Com alguma sorte e nenhum planejamento parti na terça, dezessete de março, para Houston, Texas, onde um velho amigo aceitou me



ceder um sofá por algum tempo. Enquanto espero poder voltar para Oxford, não sei quanto tempo poderei ficar em Houston. Depois de dois aeroportos internacionais quase desertos, encontro-me distante 1800km da minha universidade estadunidense e 7800km de casa. O dólar passa de cinco. Meu doutorado sanduíche entrou em transe. Existe em intervalos, mediado por servidores sobrecarregados (humanos e maquínicos) e trabalho precário.

*

As incertezas são muitas. Já mal posso contar com recursos pessoais e, portanto, dependo completamente da bolsa paga pela Capes. O seguro de saúde avisa: não cobre custos de pandemia. Embora a situação hoje seja que o pagamento está garantido, chegamos a ter anunciado pelo canal oficial que nossa bolsa não seria paga - decisão que foi revisada depois de alguns dias¹. Conviver com a incerteza parece ser o novo *modus operandi* num mundo onde existe a pandemia do covid-19. A pandemia existe. O mundo já não é o mesmo e provavelmente será outro depois. A história é cemitério de mundos, disse Carlos Drummond de Andrade numa crônica que parecia atemporal. O fim do mundo é uma relação entre fim e mundo e, se o mundo muda, tudo muda.

*

Olhar para o cartaz que anunciava os eventos que eu ofereceria me fez, à época, ver o título que pensamos como uma boa estratégia de marketing. Agora, pouco mais de duas semanas depois, é notável como soa profundamente arrogante a ideia de que eu poderia oferecer, àquela altura, um guia de sobrevivência antropológico para enfrentar um fim, qualquer que seja. O vírus faz tudo parecer menor por comparação. Parece querer nos ensinar o nosso tamanho apropriado, bem menor do que costumamos supor. Que um micróbio nos ensine que pequenas são as pessoas é só mais uma das ironias ativadas com a crise.

¹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/amp/equilibrioesaude/2020/03/capes-pode-cortar-bolsa-de-brasileiros-no-externo-por-caoa-de-coronavirus.shtml>.



*

Desde que comecei a pesquisa tinha grande preocupação com me esquivar do antropocentrismo, razão pela qual nutri críticas de todos os tamanhos ao termo “antropoceno”, que quer fazer o “antropos” o centro da virada ontológica em moda. Concentrei meus esforços em colocar no microscópio as ruínas que são produzidas pelas práticas capitalistas, de modo acelerado. É difícil para um mineiro observar as ruínas de mineração no quintal de casa e pensar diferente. Pensava estar me esquivando do antropocentrismo ao tentar enxergar as ruínas pelas perspectivas de seres de outras naturezas, como fungos, bactérias, veados, caranguejos, minérios e também os humanos que não fizeram o requisito para ser antropos. Um desvio de rota e pensar nos fins de mundo não antropocêntricos passava por aprender a cuidar e pensar com as ruínas já existentes, sem comprar a promessa de um fim total num horizonte distante – essa que é a visão dos que podiam se dar ao luxo de pensar no fim como acontecimento de um futuro distante. Eu sabia muito bem que os fins e os mundos são múltiplos e se emaranham. Mas nenhuma de minhas esquivadas me prepararam para antecipar a possibilidade de um fim de mundo que se somasse à máquina de ruína capitalista a ponto de desestabilizar alguns de meus conceitos mais centrais.

*

Os fins de mundo são muitos, múltiplos, se misturam e nem sempre vão estar dando protagonismo para as ruínas do capitalismo. Na mesma crônica a qual me referi antes, Carlos Drummond de Andrade disse:

Nem todas as concepções de fim material do mundo terão a magnificência desta que liga a desintegração da Terra ao choque com a cabeleira luminosa de um astro. Concepção antiquada, concordo. Admitia a liquidação do nosso planeta como uma tragédia cósmica que o homem não tinha poder de evitar. Hoje, o excitante é imaginar a possibilidade dessa destruição por obra e graça do homem. A Terra e os cometas devem ter medo de nós (DRUMMOND DE ANDRADE, 2002, p. 60).

Em duas semanas parece que tudo se inverteu. Não me sinto capaz de dizer sobre os medos da Terra e dos cometas por ora, mas, se são os medos os combustíveis da excitação, poderemos dizer que, hoje, o excitante seja imaginar a possibilidade



dessa destruição por obra e graça do vírus. Mas o que diferencia o vírus da pandemia?

*

O novo coronavírus está aqui e, de repente, ficaram muito claras as limitações conceituais de definir o fim do mundo *apenas* pelo cenário que une a destruição capitalista e a resistência dos que habitam a terra. Hoje penso que o que me impediu de enxergar essa soma improvável de fins-do-mundo foi mais do que apenas sua baixa probabilidade, mas uma espécie torta de antropocentrismo. Buscando em fungos e bactérias parceiros de restauração para as ruínas, posso ter me impedido de ver a capacidade de produção de ruína dos micróbios com os quais fiz parceria – e também daqueles que me recusei a por no meu microscópio, como os vírus. Os tempos me obrigaram a reconhecer que a capacidade de destruição não é exclusividade das práticas capitalistas. Canalizar todos os fins para as ruínas do capitalismo elas mesmas pode ser uma forma torta de antropocentrismo? Hoje minha aposta é que sim.

*

Os vírus atravessam escalas. Podem ser pequenos demais para os olhos humanos verem, mas sua força é tamanha que eles conseguiram concretizar um duplo efeito inédito sobre o capitalismo. Conseguiram pautar a desaceleração de um modo que os seres terranos não puderam até aqui na luta das mudanças climáticas. Mas, por outro lado, a crise que se alastra de modo e natureza viral tornou ainda mais visíveis as multi-escalares ruínas da aceleração e mostrou como as desigualdades produzidas pelo capitalismo tendem a se acentuar na pandemia. Que o capitalismo se mostra destruidor fica ainda mais evidente com suas vísceras expostas e relativamente inoperantes, mas isso não significa que seja o único agente destruidor. É uma molécula que combina diferentes fatores de destruição que ganha protagonismo. Nem todo cenário de fim que envolve ruínas da aceleração terá o capitalismo no centro. A preocupação com o antropocentrismo dá uma torção e fica afetada. Somos obrigados a conceber, de novo, um tipo de fim de mundo que havíamos descartado por comoção e autoindulgência anti-antropocêntrica, compreendido no fim da espécie humana, nem que seja como uma de suas possibilidades. Todo fim é parcial e, por



isso, ainda que haja mundo e muitos terranos depois do fim dos humanos, um fim de mundo antropocêntrico está em ordem novamente.

*

É provável que a espécie humana não acabe nessa pandemia, mas não poderemos ter a mesma segurança sobre uma de suas mais famosas manifestações molares: o antropos. Dessa vez não vai haver antropos como violento agente do fim (como promete o antropoceno), mas como espécie de humano que sucumbiu a outros habitantes da terra. A pandemia tem esse efeito paradoxal que evidencia os humanos como espécie biológica, mas desestabiliza outras figuras molares para a humanidade, como o antropos. Como a epígrafe de Victor Hugo sugere, pode ser que o agente do fim e o diabo de todas as cosmologias humanas seja composto de nós mesmos e de um elemento estranho. Parafraseando Drummond, talvez o excitante hoje seja imaginar a possibilidade dessa destruição por obra e graça da pandemia. Essa terceira coisa que é nós mesmos e um elemento estranho. O antropoceno, se houve, morreu de velho. É mundo que habita a história. Encontra-se finado e pode não haver tempo para despedidas antes que o tempo morda o próprio rabo uma vez mais.



REFERÊNCIAS

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **Vozes de Tchernóbil**: a história oral do desastre nuclear. Companhia das Letras, 2016.

DRUMMOND de Andrade, Carlos. Fim do Mundo. In: DRUMMOND de Andrade, Carlos. **A bolsa & a Vida**. Companhia das Letras, 2012.

HARAWAY, Donna. **Staying with the Trouble**: Making kin in the Cthulhucene. Duke University Press, 2016.

HUGO, Victor. **Os trabalhadores do Mar** (Tradução de Machado de Assis). Editora Nova Cultural, 2002.

ROY, Deboleena. **Molecular feminisms**: Biology, Becomings, and Life in the Lab. University of Washington Press, 2018.

Recebido em: 28/05/2020.
Aceito para publicação em: 20/07/2020.

